

Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014

Larissa de Oliveira Cesar¹

VITAL DA CUNHA, Christina.; LOPES, Paulo Victor Leite.; LUI, Janayna. **Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Henrique Böll/Instituto de Estudos da Religião, 2017. 196 p. ISBN: 978-85-62669-21-7.

Resumo: “Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014” é um livro desenvolvido com o objetivo de entender o panorama político no Brasil contemporâneo a partir da análise das eleições 2014 nos cenários nacional e estadual. A utilização do conceito de “períodos frios” de Durkheim ajuda a compreender como os medos sociais e a ameaça de valores tradicionais propiciam o estabelecimento de um perfil comportamental extremista, explicitado na esfera pública para preservar tais valores através da manipulação de uma leitura bíblica admitida como fundamentalista.

Palavras-chave: Religião; Política; Eleições 2014.

O cenário político brasileiro recente tem se mostrado polarizado e instável, o que se intensificou, especialmente, a partir das eleições de 2014. A crise política, que reverberou também nas esferas econômica e social, se estendeu desde então, mergulhando o país em um período difícil. Se, por um lado, crescem as demandas por direitos e conquistas de grupos sociais histórica e culturalmente marginalizados, como as mulheres, os negros e as comunidades LGBT, por outro, avançam pautas caracterizadas como conservadoras, que buscam frear os avanços conquistados estimulados por medos sociais. Esse quadro tem influência direta sobre os representantes políticos eleitos.

Atualmente, o país possui a maior Bancada Evangélica já eleita. Em pesquisa feita pelo Grupo de Pesquisa Mídia, Religião e Cultura (MIRE) e divulgada no Portal Mídia, Religião e Política, averiguou-se que a bancada eleita em 2014 possui 87 deputados/as federais e 3 senadores, resultando em número de 90 parlamentares, que estão vinculados

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) na Universidade Federal Fluminense (UFF), na linha de pesquisa Política, Discursos e Sociedade. Membro do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Comunitária e Publicidade Social (LACCOPS). E-mail: lariissadeoliveira@gmail.com

ou declaram pertencer a uma instituição evangélica. É em torno desse contexto que o livro “Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014” se organiza, buscando compreender as composições que se fazem na relação entre religioso e político, considerando dois âmbitos das eleições de 2014: a candidatura à presidência do Pastor Everaldo e a disputa ao governo do estado do Rio de Janeiro.

O estudo tem como autores os pesquisadores Christina Vital, Paulo Victor Leite Lopes e Janayna Lui e foi desenvolvido pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) em parceria com a Fundação Henrich Böll (HBS). O trabalho aborda a questão religiosa no espaço público e se configura como uma espécie de continuidade de uma pesquisa anterior realizada por Christina Vital e Paulo Victor Leite Lopes intitulada “Religião e Política: uma análise da participação de parlamentares evangélicos sobre o direito de mulheres e de LGBTs no Brasil”, 2012.

Vital é professora do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) e do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de integrante do grupo Religião, arte, materialidade e espaço público (PPGAS-UFRGS) e da Rede de Pesquisadores Luso-Brasileiros e Artes e Intervenções Urbanas. A autora é colaboradora do Instituto de Estudos da Religião desde 2002 e desenvolveu outros trabalhos como o livro “Religião e Conflito”, 2016, e “Oração de Traficante: uma etnografia”, 2015.

Janayna de Alencar Lui é doutora em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ), com a tese “Educação, Laicidade, Religião: controvérsias sobre a implementação do ensino religioso em escolas públicas”, 2011. Tem várias publicações nesse sentido e foi pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Religião estudando a temática da religião no espaço público.

Já Paulo Victor Leite Lopes é cientista social, formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O autor trabalha com pesquisas que envolvem as articulações entre segurança pública, religião e política, estudando as temáticas de religião, gênero, sexualidade, Estado, favela e classe social. É integrante do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (CESeC/UCAM) e

do Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos (LIDIS/UERJ).

A proposta da publicação é analisar as candidaturas de Pastor Everaldo (PSC), Marcelo Crivella (PRB) e Anthony Garotinho (PR), buscando compreender o complexo cenário que o Brasil vive de uma maneira mais ampla a partir de casos específicos de candidaturas declaradamente evangélicas, admitindo, assim, a centralidade da ação deste grupo religioso no espaço público brasileiro. Para isso, o livro analisa os jogos políticos que se estabeleceram nas eleições 2014, tanto no cenário nacional, como também no estadual de forma detalhada, utilizando uma linguagem objetiva e direta que permite que até mesmo os leitores mais desacostumados com a temática política entendam as especificidades daquele cenário, bem como a contextualização de valores importantes no contexto evangélico.

Logo na introdução do livro, os autores dissertam sobre os acontecimentos que precederam as eleições 2014, marcada pelo que chamam de “atordoamento” provocado pelos fatos que antecederam o pleito, com a morte do presidente Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Com isso, Marina Silva viria a se tornar a candidata do partido. Para os autores, o “jogo de ocultação” a respeito de sua identidade religiosa culminou na figura de Pastor Everaldo, do Partido Social Cristão (PSC), como possível definidor da campanha eleitoral 2014.

A partir disso, se desenrolam os exemplos sobre como a religião tem se explicitado no espaço público, desde as eleições de Fernando Collor até Aécio Neves, em 2014, quando houve uma diminuição do voto evangélico ao Partido dos Trabalhadores (PT), passando pelo primeiro pronunciamento de Michel Temer e a votação de encaminhamento do pedido de impeachment de Dilma Rousseff. A religião seria então utilizada como código de posicionamento dos atores políticos em “jogos de visibilidade e invisibilidade” para as ações de motivação religiosa.

Com cautela para não produzir conclusões generalistas e totalizantes, a publicação analisa primeiramente o cenário nacional, trazendo informações e dados importantes sobre a religião no cenário político brasileiro que se compõe, a partir das eleições de 2014 como um divisor de águas na relação entre religião e política. Isso porque, pela primeira vez, houve uma candidatura evangélica confessional ao Executivo do país, revelando o

anseio dos evangélicos de passarem de “ovelhas” a “players” do jogo político (p. 126) pelo seu quantitativo e aumento de capital político, já que, atualmente, temos a maior Bancada Evangélica eleita e quase ¼ da população autodeclarada evangélica.

O livro traz abordagens sobre figuras evangélicas conhecidas, como Eduardo Cunha e Marco Feliciano. Como material de pesquisa, é utilizada uma entrevista concedida pelo Pastor Everaldo e outros materiais de divulgação pública, como reportagens, debates públicos, conteúdo digital, dados de órgãos públicos e institutos de pesquisa. As informações levantadas são essenciais para traçar o posicionamento destas figuras atreladas a um perfil definido como liberal conservador religioso. Liberal em relação ao econômico e conservador em relação à moral. Por vezes, as posições defendidas pela Frente Parlamentar Evangélica se apresentam como mais conservadoras que a população evangélica, de acordo com pesquisas utilizadas na publicação, que concernem opiniões sobre pena de morte, sindicatos, armamento pessoal e homossexualidade.

A pesquisa explorada revela ainda um posicionamento mais conservador da população católica do que do setor pentecostal. Por isso, os autores apresentam o cuidado de não reforçar estereótipos de atores sociais específicos, mas trabalham com categorias referentes aos comportamentos apresentados pelos grupos religiosos, que independem de perfis socioeconômicos ou da vertente religiosa adotada, seja ela protestante histórica ou de correntes pentecostais. São definidos três tipos de formulações: ações extremistas, conservadoras e extremistas.

Os pesquisadores se atentam à diferenciação entre extremismo e fundamentalismo (p. 115). De acordo com a proposição, diferentemente da aplicação recorrente, o conceito de fundamentalismo não estaria relacionado à incitação da violência; antes, estaria relacionado a uma interpretação bíblica literal, preservando as narrativas primordiais. Por sua vez, o extremismo faria uso de medida práticas pra punir os que estariam em desacordo com a interpretação bíblica a partir da manipulação da perspectiva fundamentalista.

Os autores fazem uso de reflexão feita por Émile Durkheim sobre “períodos frios” (p. 112) para pensar na sociedade e política no Brasil contemporâneo. Segundo a concepção, em períodos de transformação social, onde o tradicional e histórico podem ser

afetados, medos são experimentados por diferentes grupos que se sentem ameaçados. Esses medos motivam ações de manipulação para controlar esse processo, freando a garantia de direitos das minorias, por considerá-los uma afronta aos valores tradicionais reivindicados. Entrariam em ação, portanto ações extremistas explicitadas anteriormente.

Já as ações conservadoras se caracterizam pela resistência às mudanças e omissão diante do extremismo, podendo os atores não se sentirem representados pelos políticos e líderes religiosos que adotam tal comportamento. Entretanto, se silenciam contra essas posições, evitando exposição pública (p. 119). Os atores que se comportam dessa forma são denominados como “amoladores de faca” (p.121), se omitindo perante ações extremistas e silenciando os progressistas. O comportamento progressista define-se como defesa das minorias no espaço público, inclusive fazendo uso do plano político e mídias digitais, além de assumir uma postura crítica em relação às ações extremistas e realizar uma leitura bíblica que considera o contexto histórico.

Quanto ao cenário estadual, os pesquisadores trazem o panorama das eleições 2014 no Rio de Janeiro, cuja configuração chegou a ser comparada ao poema “Quadrilha” (p. 78), de Carlos Drummond de Andrade, com alianças e apoios difusos. Para entender o cenário, os autores percorrem um caminho detalhado, explicando a vida dos principais candidatos (Anthony Garotinho, Lindbergh Farias, Luiz Fernando Pezão e Marcelo Crivella) e suas relações com a religião. Para tornar mais claro para o leitor o a configuração que se deu, faz-se necessário o uso de uma tabela (p. 90; 91), apontando de quem eram os apoios de partidos e candidatos à presidência.

A campanha se transforma em um jogo de acusações políticas e religiosas retratado no texto de maneira bem esclarecedora nos dois turnos que se sucederam, explicando escolhas e posições que se revelam para além do caráter religioso e moral, porém, assumidas especialmente como motivações de interesses políticos. É o que se revela em relação ao Pastor Everaldo na primeira parte do livro, quando explica as posições do partido em relação à retirada de Dilma Rousseff.

Tanto no cenário nacional, quanto no estadual, os pesquisadores apontam o posicionamento do pastor neopentecostal Silas Malafaia que, apesar de nunca ter se candidatado a nenhum cargo político, é figura recorrente no assunto, atuando e se posicionando em relação a assuntos, partidos e candidatos. O livro traz, ainda, uma

entrevista do pastor nos anexos, assim como artigos das pesquisadoras Magali do Nascimento Cunha e Tatiane dos Santos Duarte.

A publicação, portanto, apresenta contribuições essenciais para a compreensão do panorama político e social que se estabelece no Brasil contemporâneo, ajudando a lançar um olhar para o futuro a partir das eleições 2014. O primeiro passo dos evangélicos em direção ao executivo já foi dado e se torna um anseio possível em um contexto polarizado e difuso, onde as conquistas de direitos pelas minorias provoca um sentimento de ameaça aos setores conservadores da sociedade. Por isso, o cenário propicia ações extremistas de atores e lideranças a partir do estímulo dos medos sociais. O livro ressalta a importância de não atribuir perfis preestabelecidos a grupos religiosos específicos. Antes, define tipos de ações que são utilizadas por diferentes atores, independente de perfis socioeconômicos, escolhas políticas e opções religiosas. Contudo, os evangélicos estão cada vez mais presentes na sociedade e política brasileiras e já foi dada a largada para a passagem de “ovelha” a “player” do jogo político.